

RELIGIÃO E MODERNIDADE: ALGUMAS CONCLUSÕES ACERCA DO PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO NO OCIDENTE

Marcos Renato Holtz de ALMEIDA¹

Resumo: Um dos conceitos chave para compreender a modernidade é o conceito de secularização. Este conceito tem alimentado, nos últimos séculos, inúmeros debates acerca de sua definição e aplicação. Falar em secularização significa falar em modernidade, pois ela é um produto da modernidade e ao mesmo tempo uma de suas características mais evidentes. O conceito **secularização** tem diversas definições, mas praticamente todas remetem a esta definição: a deslegitimação do poder da esfera eclesiástica – defensora e reprodutora dos valores do **sagrado** – para a legitimação do poder da esfera civil e laica, que possui como orientação valores **não-sagrados**, portanto, **profanos** aos olhos do religioso. Essa deslegitimação do poder da esfera eclesiástica fez-se presente em todo o continente europeu após o século XVII e, logo depois, no mundo ocidental. O processo de secularização, ao invés de promover a derrocada da religião na Era moderna, revitalizou-a através da perda da plausibilidade das religiões tradicionais e pela liberdade religiosa que ela promoveu. Nos séculos XIX e XX a religião sofreu influências das ideologias modernas e adaptou-se. O pluralismo e os novos movimentos religiosos são frutos do processo de secularização na modernidade, denotando as modificações ocorridas no campo religioso ocidental.

Palavras-Chave: Secularização; modernidade; ocidente.

Abstract: One of the key concepts to understand the modernity is the secularization concept. This concept has been fed in the last centuries by countless debates concerning its definition and application. To speak about secularization means to speak about modernity, which is result of the modernity and, at the same time, one of its more evident characteristic. The concept secularization has several definitions, but practically

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

all of them addres to this definition: the delegitimation of the power of the ecclesiastical sphere – defender and reproducer of the values of the sacred – for the legitimation of the power of the civil and lay sphere, which possesses as orientation no-sacred values, therefore, profane to the eyes of the religious person. That delegitimation of the power of the ecclesiastical sphere had been present in the whole European continent after the 17th century and, after that, in the western world. The secularization process, instead of promoting the overthrow of the religion in the modern Era, revitalized it through the loss of the plausibility of the traditional religions and for the religious freedom that it promoted. In the 19th and 20th centuries, the religion suffered influences of the modern ideologies and adapted itself to them. The pluralism and the new religious movements are results of the secularization process in the modernity, denoting the modifications happened in the western religious field.

Keywords: Secularization; modernity; western world.

Introdução

O tema da religiosidade abordado neste estudo tem sua centralidade na análise das questões da dessacralização da sociedade e do processo de secularização da religião, ambas modificadoras da estrutura social européia. Na adoção dessa perspectiva, remete-se às conseqüências e aos choques que o devir da modernidade apresentam ao homem. Tais conseqüências são entendidas como as diversas modificações sócioeconômicas e político-culturais ocorridas com o desmantelamento da sociedade feudal e o desenvolvimento da sociedade capitalista.

O processo de secularização deve ser entendido como um processo racional empreendido pela esfera civil desde o princípio da Era Moderna e suas transformações e conseqüências ainda ecoam no modo de vida contemporâneo. A secularização também deve ser compreendida, no limite, como a deslegitimação do poder da esfera eclesiástica – defensora e reprodutora dos valores do **sagrado** – para a legitimação do poder da esfera civil e laica, possuindo como orientação valores **não-sagrados**, portanto, **profanos** aos olhos do religioso, diferenciando-se assim das instituições que se serviam da ideologia religiosa dominante.

Esses efeitos não se limitam apenas à separação da esfera religiosa da laica. O processo de secularização, entendido também como dessacralização do homem impõe-lhe a libertação da esfera religiosa, legando-lhe a autonomia

para se orientar ética e moralmente por esferas não-religiosas, nas quais predominam as conseqüências do pensamento racionalista herdado do Renascimento e do Iluminismo. Como conseqüência do processo de secularização, houve a ruptura dos esquemas tradicionais que faziam das instituições religiosas agências reguladoras do pensamento e da ação dos indivíduos. Logo, desses escombros surge o pluralismo religioso, ou seja, uma variada gama de opções religiosas destinadas à libertação individual. Essa situação propiciou a disputa e rivalidade de grupos de crentes pelo “comprador” religioso, cuja lealdade é disputada no “mercado religioso”, levando vantagem quem trabalhar melhor o *marketing* da fé. Conseqüência desse processo é a necessidade de a religião e as instituições religiosas passarem a trabalhar sob a pressão racionalizadora, causando uma situação competitiva que acarreta uma racionalização das estruturas socioreligiosas. Portanto, nesse contexto, proliferam os “consumidores religiosos” que buscam produtos padronizados, descartáveis ou não, com o intuito de procurar nas mais diversas religiões a sua satisfação espiritual ou a sua própria compreensão do mundo religioso (BERGER, 1985; CAMPOS, 1997).-

Outra característica oriunda do processo de secularização é o surgimento e desenvolvimento dos novos movimentos religiosos, resultado tanto do processo de secularização como do pluralismo religioso. Com essas características adquiridas com o advento da modernidade, o homem religioso torna-se um andarilho ou um religioso peregrino marcado pela pouca coerência, inconstância de escolhas e volubilidade. Esse ser mutante e mutável se locomove em um mundo de escolhas religiosas plurais. Cabe a ele a palavra final sobre a sua compreensão do mundo e do universo.

Essas vicissitudes geradas pelo processo de secularização na modernidade, proporcionando o aparecimento de novas religiões e do pluralismo religioso, segundo a opinião de alguns sociólogos da religião, se devem a um “reencantamento do mundo” nas décadas finais do século XX (ALVES, 1978; NEGRÃO, 1994; KOLAKOWSKI, 1977). Essa discussão se tornou emblemática para os sociólogos e teólogos da secularização, pois ela se defronta com o maior mito moderno: o mito do progresso, alimentado pelas teorias evolucionistas dos positivistas do século XIX. Esse mito se referia ao processo de racionalização do mundo e ao fim das religiões devido ao progressivo desenvolvimento das técnicas e da Ciência. Desse modo, o pensamento místico-religioso seria superado pelo pensamento orientado pela luz da razão e

sustentado pelas teorias científicas. Para os positivistas, a sociedade do futuro seria a-religiosa e altamente racional, de modo que as religiões não poderiam sobreviver nessa sociedade. Sendo assim, o “reencantamento do mundo” torna-se um importante tema para se entender a religiosidade que se alicerça fortemente no limiar do novo milênio vivido pela humanidade.

Conseqüências do processo de secularização

Na modernidade avançada nos deparamos com novas características do processo de secularização: o surgimento dos novos movimentos religiosos, o pluralismo religioso, a mercantilização da religião e o reencantamento do mundo. Esses fatos nos indicam que o processo de secularização não segue uma orientação unilateral e contínua, mas está permeado de descontinuidades e de deferência em relação às próprias revoluções iniciadas pela consolidação da modernidade.

Com a intensificação do processo de secularização na modernidade, os séculos XIX e XX apresentam novos desafios à Sociologia da Religião e à própria religião. Nesse período, a relação entre o pensamento religioso e o pensamento racionalista redefiniu o campo religioso ocidental. As mudanças mais sensíveis ocorreram dentro do âmbito das religiões tradicionais e mais profundamente na religião cristã, principalmente no catolicismo e em suas ramificações, como o protestantismo e o pentecostalismo.

O racionalismo científico, aliado à consolidação do sistema capitalista como modo de produção das riquezas, proporcionou uma nova mentalidade capaz de ser adotada pela sociedade ocidental. Essa nova mentalidade estava baseada na assimilação da Ciência como característica inerente a ser difundida pelos indivíduos dessa época e influenciou a relação entre os indivíduos e a religião e entre as instituições religiosas e seus seguidores. Por um lado, a partir das influências dessa nova mentalidade, apareceu o sujeito religioso autônomo, distinto de seu predecessor porque livre para definir qual cosmologia e universo simbólico assumir ou rejeitar; por outro lado, ocorreu a assimilação de algumas vicissitudes da modernidade pelas instituições religiosas, acarretando a racionalização das práticas e dos discursos religiosos. A mentalidade racionalista e científica contrapunha-se à mentalidade religiosa judaico-cristã inerente à cultura ocidental. Desse modo, a relação entre modernidade e religião, e mais

amiúde entre secularização e formas de expressão religiosa, adquiriu uma dinâmica pautada, em alguns momentos, por “afinidades eletivas” (WEBER, 1981) e, em outros momentos, por sujeição das instituições religiosas à modernização incontinenti.

No século XIX verificou-se e evidenciou-se a periferação da religião como instituição doadora de sentido em virtude da ascensão e consolidação do pensamento racionalista e cientificista. Porém, as instituições religiosas, para não sucumbirem ao “destino de nosso tempo”, se viram obrigados a assimilar algumas propostas da modernidade, ou seja, necessitaram adotar uma postura mais racional e menos mística, ao mesmo tempo em que mantiveram seu lado arcaico e tradicional. Portanto, na modernidade, a esfera religiosa se compôs de seu aparato mítico e místico, porém necessitou desenvolver uma postura e um discurso mais racional que abrangessem as mudanças ocorridas no seio da sociedade europeia para assim adaptar-se a uma época que privilegiou a razão em detrimento da emoção.

Todos esses fatos evidenciam que o processo de secularização na modernidade avançada, isto é, nos séculos XIX e XX, revelou-se dinamicamente diferente em relação aos primeiros séculos da era moderna. Nesses primeiros séculos, o processo de secularização primava pela dessacralização da sociedade e pela deslegitimação e desautorização da esfera religiosa nos assuntos referentes ao Estado e à Sociedade. A partir das revoluções econômicas e sociais dos séculos XVIII-XIX – isto é, devido às revoluções seculares engendradas pela primeira e pela segunda Revolução Industrial no campo da técnica e da divisão social do trabalho, pela mentalidade científica desenvolvida pelo movimento Iluminista, pela Revolução Francesa e suas transformações ocorridas no campo da política e na área social (HOBSBAWN, 1981) e pela perda da plausibilidade das religiões tradicionais doadoras de sentido (BERGER, 1985) –, o processo de secularização incluiu entre suas características principais elementos novos que na modernidade avançada revelaram-se distantes do que ele propunha em primeira instância.

Em primeiro lugar, a eliminação de todo conteúdo metafísico da sociedade europeia não era mais o foco orientador do processo. A religião, periférica, era vista como fator de inclusão social e não mais afetava o andamento do processo emancipador da humanidade, a qual estava atrelada diretamente à idéia de progresso econômico e material, tal qual na primeira concepção dos filósofos liberais iluministas.

O progresso era, portanto, tão 'natural' quanto o capitalismo. Se fossem removidos os obstáculos artificiais que no passado lhe haviam colocado, se produziria de modo inevitável; e era evidente que o progresso da produção estava de braços dados com o progresso das artes, das ciências e da civilização em geral. Que não se pense que os homens que tinham tais opiniões eram meros advogados dos consumados interesses dos homens de negócios. Eram homens que acreditavam, com considerável justificativa histórica nesse período, que o caminho para o avanço da humanidade passava pelo capitalismo. (HOBSBAWM, 1981, p. 259).

A análise marxista de François Houtart (1994) considera que:

O desenvolvimento do sistema capitalista foi resultado de uma evolução das forças produtivas, dialeticamente condicionada por novas relações sociais de produção que [...] se representa como fruto de um trabalho humano e não de uma decisão divina. Isso criou as condições para o desenvolvimento de filosofias atícas vinculadas a uma dupla crítica. Por um lado, uma crítica da representação religiosa da natureza, que foi um primeiro passo, e que esteve condicionado pelo desenvolvimento da ciência e das correntes filosóficas que lutavam contra o 'obscurantismo', ou seja, a explicação mítica da relação com a natureza. E, por outro lado, uma crítica das representações das relações sociais de produção e da dominação política do feudalismo, que se referiam a uma origem divina: o rei o era pela graça de Deus; o terratenente, por decisão divina. (HOUTART, 1994, p. 63).

Em segundo lugar, o processo de secularização, que inspirou diálogos entre a racionalização e o desencantamento do mundo, permitiu uma maior proximidade entre modernidade e religião, expondo n'*A ética protestante e no espírito do capitalismo* a sua interface entre o Sagrado e o Profano (WEBER, 1981). Revelou-se aí uma das características mais importantes da modernidade: a de conjugar as contradições existentes entre religião e racionalismo moderno e apontar para as possíveis sínteses, entre elas, a de atrelar o pensamento econômico moderno ao comportamento ético-religioso.

Weber observa que o processo de racionalização que constituiu a sociedade moderna recebe seu impulso inicial, da desmagização da natureza realizada pela mensagem bíblica, consolidando-se, em seguida, de maneira estável, graças ao poderoso impulso ascético que a ética puritana lhe forneceu. A tese de Weber é que o 'espírito do capitalismo' - comportamento de cálculo dos meios em relação aos fins, de inovação econômica e de exigência ascética de poupança para investimentos em posteriores atividades -, conseguiu se afirmar estavelmente no Ocidente somente graças à racionalização de todos os aspectos da vida, encorajada pela reforma protestante, de modo particular pelo comportamento de ascese intramundana difundido pelo Calvinismo e por outras seitas protestantes. Contudo, seria uma grave incompreensão pensar que Weber

atribuísse ao Protestantismo o mérito (ou a culpa, conforme o ponto de vista) do surgimento do capitalismo: ele sublinha claramente que se trata de um efeito não intencional, não previsto pelos reformadores e que, além do mais, hoje repercute sobre o próprio protestantismo e, em geral, põe em crise qualquer religião. O capitalismo, hoje vitorioso, construiu uma sociedade regida unicamente pelo cálculo econômico; a sociedade moderna, para Weber, está baseada em interações impessoais, como se fosse um mecanismo auto-regulador, do qual o antigo espírito religioso, que inclusive a ajudou a nascer, desapareceu. (MARTELLI, 1995, p. 77).

O desenvolvimento da cultura moderna teria sofrido, na visão de Weber, uma influência causal significativa do *ethos* racional da conduta da vida existente nas concepções protestantes, que trouxeram os rigores da ascese, presentes no mundo católico, para os costumes do mundo – a Reforma Protestante. Para os protestantes, a vocação humana estaria direcionada ao cumprimento das tarefas seculares, impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. A certeza da graça, da salvação, viria por meio de uma dedicação exclusiva ao trabalho, em que o homem estivesse condenado a seguir sozinho ao encontro de um destino que lhe fora designado na eternidade. Ninguém poderia ajudá-lo – nenhuma Igreja, nenhum sacerdote, nenhum sacramento e, finalmente, nenhum Deus – o que significa a eliminação da magia do mundo. Portanto, segundo a teoria de Weber o mundo estaria sendo desencantado por meio da adoção de uma mentalidade voltada aos fundamentos do pensamento racional e científico, os quais através do devir histórico eliminariam os vestígios de magicização e sacralização do mundo, da sociedade e de seus habitantes.

A fé tinha de ser provada por seus resultados objetivos, a “*fides efficax*”, em que uma intensa atividade profissional da graça - a *certitudo salutis*, fundamentada num método consistente e consciente, faria com que a vida do indivíduo protestante passasse a ser completamente racionalizada e dominada pela finalidade de aumentar a glória de Deus na Terra. Essa conduta ética sistematizada, metodicamente racionalizada, teria influenciado o planejamento racional da vida moderna.

Pluralismo religioso e reencantamento do mundo

O processo de secularização nos séculos XIX e XX permitiu o desenvolvimento dos novos movimentos religiosos como resposta à relação entre modernidade e religião, caracterizando-se como um processo que, ao

mesmo tempo, negava a religião para depois dinamizar e complexificar o campo religioso com o desenvolvimento e o surgimento de outras formas de expressão religiosa.

O pluralismo religioso foi outro fator avançado do processo de secularização em relação à modernidade e aos indivíduos, pois na modernidade dos séculos XIX e XX, com a “secularização subjetiva” (BERGER, 1985, p. 139), coube ao indivíduo optar por qual religião e por qual instituição religiosa ele deveria pautar sua espiritualidade e seu comportamento ético.

Um outro fator importante da relação entre religião e modernidade e a relação desenvolvida entre o campo econômico e o campo religioso foi a forma como a racionalização do mundo atingiu as instituições religiosas, fazendo com que elas tivessem que se adaptar à dinâmica da modernidade através da racionalização de suas ações e discursos. Essa adaptação e ajustamento das instituições religiosas aos princípios da era moderna (racionalização/secularização/descantamento do mundo), deu-se por meio da burocratização do aparato clerical. Seguidor de Weber, Berger observa que

a situação contemporânea da religião caracteriza-se, portanto, por uma progressiva burocratização das instituições religiosas. Esse processo deixa marcas quer nas relações sociais externas, quer nas internas. Com relação a estas, as instituições religiosas são administradas burocraticamente e suas operações cotidianas são dominadas pelos problemas típicos e pela ‘lógica’ da burocracia. Externamente, as instituições religiosas relacionam-se com outras instituições sociais, umas com as outras, através das formas típicas da interação burocrática. ‘Relações públicas’ com a clientela consumidora, ‘*lobbying*’ com o governo, ‘levantamento de fundos’ em agências privadas e governamentais, envolvimento multifacetado com a economia secular (particularmente por meio de investimentos) - em todos esses aspectos de sua ‘missão’, as instituições religiosas são compelidas a buscar ‘resultados’ por métodos que são, necessariamente, muito semelhantes aos empregados por outras estruturas burocráticas com problemas similares. A mesma ‘lógica’ burocrática aplica-se às relações das várias instituições religiosas entre si. (BERGER, 1985, p. 151-2).

Concomitantemente à burocratização das instituições religiosas, houve também a necessidade de desenvolver uma relação de concorrência com as demais instituições voltadas para a sacralidade, fossem elas Igrejas consolidadas ou seitas emergentes. Portanto, o processo de secularização, ao contrário do que fora proposto em suas definições filosóficas iniciais, propiciou uma nova leitura religiosa do mundo através do debatido “reencantamento do mundo”, processo que nas décadas finais do século XX se tornou evidente e merecedor

da atenção dos sociólogos da religião. O recencantamento do mundo refere-se ao denominado “despertar religioso” observado nas sociedades pós-industriais e à multiplicação e à diversidade das instituições religiosas. Para um dos ramos da sociologia da religião, o “despertar religioso” está atrelado a um “eclipse da secularização”; Martelli (1995, p. 411) assim conclui:

interpretamos o presumido ‘despertar religioso’ dos últimos anos, dentro da hipótese do ‘eclipse da secularização’, que deve ser entendido no sentido da co-presença, na sociedade contemporânea, de elementos de secularização e dessecularização.

Porém, essa hipótese permite controvérsias a respeito da dessecularização pelo fato de encontrarmos na contemporaneidade sociedades que estão em processo de secularização, especialmente as regidas pela religião islâmica, como o Irã e o Iraque antes da queda de Saddam Hussein em 2003. Nas sociedades ocidentais talvez seja melhor afirmar que a secularização não significou o fim completo da religião e das formas de expressão religiosa, pois presenciamos um encantamento ainda presente e, em alguns pontos, maior que no século XIX.

Algumas reflexões à guisa de conclusão

A idéia de secularização categoriza uma diversidade de movimentos e significados histórico-conceituais que parece expressar o clássico princípio da lógica formal: “quanto maior a extensão, menor a compreensão”. De fato, a compreensão dessa categoria compõe um quadro variado e amplo de sentidos e aplicações nas diversas áreas das ciências humanas. Uma tal extensão tem incluído desde uma ampla compreensão da história do Ocidente até a explicação de movimentos religiosos contemporâneos. De qualquer forma, parece ser uma das categorias explicativas do processo de formação do Ocidente, assim como a categoria modernidade.

Os primeiros usos do termo secularização, que como já vimos, ecoam nos anos finais do século XVI, procuravam dar conta da passagem do religioso “regular” para o estado “secular”, ou a redução à vida laica de quem recebeu ordens religiosas. Tratava-se, portanto, de uma conceituação interna ao universo religioso.

Marramao (1997), ao analisar o conceito, classifica-o segundo as acepções mais correntes. Nesse sentido, aponta as seguintes tendências:

- Decadência da religião: seria a perda do prestígio e influência dos símbolos, doutrinas e instituições religiosas. Ao final, teríamos uma sociedade sem religião. Podemos ver, nessa visão, uma forte tendência evolucionista: de uma época de ouro da religião para uma sociedade racionalizada;
- Conformidade com o mundo: de uma atitude de recusa e de rechaço do mundo, passa-se para sua aceitação tal como ele é;
- Separação entre religião e sociedade: a religião deixa de ser a principal instância legitimadora da sociedade e se torna, cada vez mais, um assunto de foro íntimo. A religião perde a sua função pública;
- Despojamento do caráter sacral e mágico do mundo: o mundo torna-se mais adequado à manipulação racional, científica e empírica. Não há lugar para o mistério no mundo desencantado. Para Weber, a sociedade desencantada é a consequência do desenvolvimento de uma racionalidade econômica e científica (no sentido de administrativa e burocrática);
- Descomprometimento da sociedade para com a religião. Ela pode até existir, mas não faz muita diferença;
- Transposição de crenças e modelos de comportamento da esfera religiosa à secular. É a idéia de uma religião invisível (BERGER & LUCKMANN, 1997), ou ainda da emergência do *homo religiosus* de Eliade (1999), quando fala da camuflagem da religião que aparece como “religião substitutiva” (marxismos, naturalismos, etc.).

Isso, ainda que de maneira breve, já aponta para possíveis confusões e o verdadeiro *imbráglío* que é tratar do tema. Cremos que uma limpeza “da área” se faz não apenas pertinente como extremamente necessária.

A secularização é uma questão complexa e não parece resultar no desaparecimento completo da atividade e do pensamento religiosos. Ao contrário do que Weber afirmava, a secularização não desencantou o mundo, como também não significou o declínio da magia. Para Bryan Wilson (MARTELLI, 1995), secularização significa um processo de transferência de poder e atitudes das instituições com quadros de referência sobrenatural para instituições operadas de acordo com critérios empíricos, racionais e pragmáticos. Em termos cognitivos, secularização significou o processo de racionalização das explicações da realidade. Em termos institucionais representou a substituição, no campo de diferentes funções, da instituição religiosa para instituições autônomas. E, por fim, em termos de comportamento, significou

a privatização da própria experiência religiosa. Não há a extinção da religião, mas seu deslocamento para a esfera do sujeito.

O significado profundo de secularização é o do declínio geral do compromisso religioso na sociedade. A religião deixa de ser o conhecimento fundante da visão de mundo, dos comportamentos e da ética. A sociedade moderna conta agora com outros elementos de controle que independem da religião.

Creemos aqui que muita confusão foi armada pelos próprios estudiosos do tema. Para os arautos de uma civilização racional, livre de qualquer crença e superstição, o processo de secularização representava a libertação do ser humano e seria um fenômeno irreversível. Para seus opositores, a secularização seria permeada por momentos de dessecularização. A revanche de Deus, ou o retorno do sagrado foram bradados em alta voz para anunciar a volta daquele que tinha sido expulso mas, inevitavelmente, voltaria.

Mas a secularização não significou um aumento linear da não-crença. A sociedade não se encontra mais descrente ou cética. Pelo contrário, a modernidade elabora um significado ambivalente da secularização. Apresenta uma dessacralização e ao mesmo tempo uma mitificação do profano. Essa dupla postura é causadora das confusões.

Creemos que uma grande confusão se faz quando se mistura modernidade com secularização e desencantamento. Se nos dois primeiros casos a relação é inevitável, entre secularização e desencantamento parece haver um certo consenso de que não são apenas sinônimos, mas duas faces de uma mesma moeda.

A nosso ver, encontra-se aqui uma grande matriz das confusões semânticas. Uma mudança da perspectiva analítica pode nos oferecer um quadro em que a secularização avança a passos largos, mas nem por isso a sociedade (e seus membros, é bom frisar) deixam de viver em mundos encantados. As explicações científicas são, muitas vezes, assemelhadas a narrativas míticas repletas de encantamento. A vida das pessoas, por outro lado, é movida por crenças e magias o tempo todo, sem necessariamente precisarem de religião.

Em suma, o processo de secularização, em suas características iniciais, promoveu de modo contundente a deslegitimação de algumas atribuições sociais e políticas conduzidas pela Igreja Católica – como, por exemplo, no campo da política e da educação – visando dar maior autonomia à esfera laica e civil. A subjugação da religião ao racionalismo e, mais precisamente, ao racionalismo

científico, propiciou de vez a entrada do ser humano na Era da Razão. Segundo a percepção de Immanuel Kant sobre essa época, a consolidação da modernidade e o avanço do processo de secularização representaram a saída do homem da menoridade (KANT, 1985, p. 101).

A secularização, como característica inerente da modernidade, desenvolveu-se atrelada às vicissitudes sociais por ela engendradas. O espaço social estava agora envolvido com a consolidação do modo de produção capitalista e com a ascensão da Era da Razão instrumental e do pensamento burguês. O pensamento místico-religioso perdia paulatinamente espaço para o pensamento racional e utilitário. O papel relegado à religião foi o de ser uma instituição com importância social, mas não mais com poder de decisão sobre o Estado, a Arte, a Cultura, etc.

O Estado moderno, ao desvincular-se da religião, aderiu ao racionalismo político e passou a gerir-se por leis abstratas e racionais, não mais fundamentadas na origem divina das coisas. Ao mesmo tempo, a onda racionalizadora tocou as bases das instituições religiosas. Devido à perda de sua influência sobre a sociedade civil, estas necessitaram adaptar-se aos novos tempos e à nova dinâmica dessa sociedade, o que significa que elas deveriam, sem perder o seu conteúdo, racionalizar-se e modernizar-se em suas funções e atribuições para assim tentarem manter-se como instituição ativa e de importância social. Porém, devido à perda da plausibilidade das religiões tradicionais (BERGER, 1985), modernizar as instituições religiosas significou aderir ao modelo de mercado e assumir seus meios e seus riscos.

Portanto, o processo de secularização e de racionalização do mundo, ambos oriundos da modernidade, mudaram as relações entre religião e sociedade. No século XIX os dois processos intensificaram-se, confluindo num movimento que pretendia abolir as formas de vida religiosa para a definitiva ascensão da Era da Razão. Ao mesmo tempo em que a racionalização atingia as esferas não religiosas, atingia também a esfera religiosa, revelando o fato de as instituições religiosas necessitarem aderir ao racionalismo para poderem continuar existindo numa era que não mais lhes convinha.

No que diz respeito ao fenômeno da secularização, parece que a única conclusão edificada, até então é de que se trata de processo complexo e sobrejamente contraditório. Devido à sua capacidade de mutabilidade como fenômeno sociocultural, a teoria sobre o fenômeno da secularização permanece amplamente discutida e revisada na Sociologia, revelando que mesmo após

mais de um século de debates e pesquisas sobre o fenômeno, ainda não chegamos a uma formulação definitiva sobre suas características e capacidades mais específicas.

A Sociologia encontrará no século que se inicia um novo impulso dinamizador do estudo do fenômeno da secularização, pois o campo religioso ocidental cada vez mais complexo devido à assimilação das características da globalização, mostrar-se-á um campo de estudos altamente profícuo para compreensão de um dos temas mais debatidos e controversos da modernidade.

Referências

- ALVES, R. *A volta do sagrado: os caminhos e a sociologia da religião no Brasil. **Religião e Sociedade***, Rio de Janeiro, v.3, 1978.
- BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, P. L.; LUKMANN, T. *Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CAMPOS, L. S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis; Vozes, 1997.
- ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOUTART, F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.
- KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? In: _____. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KOLAKOWSKI, L. A revanche do sagrado na cultura profana. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.1, 1977.
- MARRAMAIO, G. *Céu e terra: genealogia da secularização*. São Paulo; Ed. USP, 1997.
- MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- NEGRÃO, L. Intervenção. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Org.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1981.